

A PALAVRA DA CRUZ – UM “SINAL” ENTRE LOUCURA E PODER

The word of the cross – a “sign” between foolishness and power

Dr. Werner Wiese¹

RESUMO

A cruz é um dos principais símbolos do Cristianismo. Isso se deve principalmente a dois fatores: um é a crucificação de Jesus de Nazaré. O outro é a interpretação da morte dele na cruz como ato de salvação. Este segundo fator racionalmente não é inteligível, porque Jesus não foi o único a ser crucificado. Além disso, crucificação era o mais terrível instrumento de tortura e punição romana pública da época. Daí não causa estranheza que a cruz como símbolo cristão não é garantia de interpretação unânime na teologia. A interpretação oscila entre a cruz como linguagem sacrificial e linguagem sócio-política. O presente artigo discute esta oscilação a partir de textos paradigmáticos de Paulo.

Palavras-chave: Império. Crucificação. Poder. Loucura. Evangelho. Salvação.

¹ O autor é graduado e pós-graduado em Teologia, com Doutorado na área bíblica pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Faculdades EST – Escola Superior de Teologia em São Leopoldo / RS. Atua como professor na Faculdade Luterana de Teologia (FLT) em São Bento do Sul / SC, e é membro do Conselho Deliberativo da ASTE – Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, com sede em São Paulo. E-mail: wwiese@flt.edu.br

ABSTRACT

The cross is one of the main symbols of Christianity. This is mainly a result of two factors: one is the crucifixion of Jesus of Nazareth. The other is the interpretation of his death on the cross as an act of salvation. This second factor rationally isn't intelligible, because Jesus was not the only one who was crucified. Besides, crucifixion was the worst roman public instrument of torture and punishment at the time. Thence it is not strange that the cross as a Christian symbol is no guarantee of unanimous interpretation in theology. The interpretation oscillates between the cross as a sacrificial language and a socio-politic language. In the present article this oscillation is discussed from paradigmatic texts of Paul.

Key-words: Empire. Crucifixion. Power. Foolishness. Gospel. Salvation.

INTRODUÇÃO

Com razão, Paulo ou Saulo de Tarso, conhecido acima de tudo como apóstolo de Jesus Cristo enviado aos gentios ou às nações, pode ser considerado o primeiro teólogo cristão por excelência e propriamente dito.² Como tal destacam-se, aqui: - seus escritos, dentre os quais alguns muito provavelmente são os documentos mais antigos do Novo Testamento (doravante NT) de que dispomos; - a profundidade e complexidade teológica da sua argumentação; - a “originalidade” de formulações teológicas, como, por exemplo, as locuções “a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que fomos salvos, poder de Deus” (1Co 1.18) e “... não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê...” (Rm 1.16).

A partir de 1 Coríntios 1.18ss., fala-se de *teologia da cruz*. Já com base em Romanos 1.16-17 advém a expressão *doutrina da justificação pela fé*. Expressão esta que teve enorme impacto sobre a teologia com implicações eclesiológicas a ponto de mudar a “sorte” da igreja cristã, especialmente do século 16 em diante, com o desdobramento da assim

² Há, inclusive, quem considere Paulo “uma das pessoas mais influentes nos rumos da história”; cf. VASCONCELLOS, Pedro Lima; FUNARI, Pedro Paulo A. *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 5.

chamada *Reforma Protestante*. Fato é que expressões como “palavra da cruz” (1Co 1.18), “o evangelho é o poder de Deus” (Rm 1.16) entraram para o vocabulário cristão comum, mas hoje elas sofrem de desgaste, inclusive de descrédito. A causa disto não está nas expressões como tais. A causa está no uso inadequado, por vezes, arbitrário que se faz delas para legitimar e assegurar o *status quo* do *modus vivendi* de quem detém poder e se impõe, dentro e fora da comunidade cristã.³

Pautado na temática *A palavra da cruz – um “sinal” entre loucura e poder*, o presente artigo propõe-se a abordar essas questões a partir de 1 Coríntios 1.18-25(-29/31) e Romanos 1.16-17. O objetivo é ouvi-las de *forma nova* – modo de dizer. Na tentativa de fazê-lo, depara-se com leituras e releituras de textos paulinos não apenas distintas, mas contraditórias, de modo particular a interpretação da morte de Jesus na cruz. Isso é um desafio que pode tornar frutíferos para a atualidade textos paulinos bastante conhecidos e desgastados. O artigo é composto por duas partes. A primeira foca *A palavra da cruz – Paulo e o jogo da loucura*. A segunda aborda o *significado ou valor da palavra da cruz* e destaca algumas repercussões dela na história.

1. A PALAVRA DA CRUZ - “PAULO E O JOGO DA LOUCURA”⁴

Em termos teológicos a partir do NT, *palavra da cruz* (1Co 1.18) e *evangelho é o poder de Deus* (Rm 1.16) são expressões “genuinamente” paulinas que sumarizam o agir salvador maior de Deus⁵ na história da humanidade. Isto tudo, porém, é menos inteligível para a razão humana; não é perceptível para os olhos da cabeça.

³ Sob o sinal da cruz e em nome do evangelho ou do reino de Deus, povos inteiros foram oprimidos e em grande medida exterminados. Um exemplo est arrecedor deste fato é a colonização e “evangelização” dos povos nativos das Américas. Cf. o item 3.2.3 deste artigo.

⁴ As palavras “Paulo e o jogo da loucura” assumimos de HINKELAMMERT, Franz. *A maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso*. São Paulo: Paulus, 2012. As raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso. São Paulo: Paulus, 2012, p. 23. Aliás, a partir dos primeiros capítulos de 1 Coríntios, no mesmo lugar da obra mencionada, Hinkelammert formula ainda as seguintes locuções: “A sabedoria de Deus e a espiritualidade”, “Do jogo das loucuras ao teatro-mundo”, “O jogo de loucuras do nosso tempo”, “O teatro-mundo de Paulo e a inversão por Nietzsche” e as interpreta.

⁵ Obviamente, não são as únicas expressões que resumem o agir de Deus no Novo Testamento, mas elas são centrais, a partir das quais a realidade do agir de Deus é desdobrado.

1.1 Loucura, poder e sabedoria às avessas (1Co 1.18.18-25[-31])

Para fins práticos, transcrevemos I Coríntios 1.18-25:

¹⁸ Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.

¹⁹ Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos

²⁰ Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?

²¹ Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação.

²² Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria;

²³ mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios;

²⁴ mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus.

²⁵ Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.⁶

Paulo inverte os valores e conceitos vigentes e norteadores na sociedade de seu tempo e de todos os tempos. Isto inclui o modo de pensar e, por conseguinte, de se deixar modelar de acordo com os esquemas ou padrões que subjazem a cada época e a manipulam (σχήματα τῷ αἰῶνι τούτῳ - veja Rm 12.2). O apóstolo literalmente faz um jogo de palavras que transcende o bom senso da lógica e aspiração humanas. As expressões-chave são: a) μωρία (*loucura/insensatez*) e termos cognatos (v. 18, 20, 21, 23, 25, 27, 30); b) σοφία (*sabedoria*) e termos cognatos (v. 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30); c) δύναμις (*poder*) e termos cognatos (v. 18, 24, 26). O que define os valores não é

⁶ **BÍBLIA sagrada.** Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

a terminologia tal, porém a postura em relação ao “Cristo crucificado” (v. 23).

Além de ininteligíveis, as palavras de Paulo são chocantes a ponto de provocarem veemente protesto, por vezes, inclusive injúrias. Por exemplo: Nietzsche (1844-1900) - protagonista e defensor obstinado do “super-homem” (Übermensch) – via em Paulo um inimigo supremo da filologia e medicina, ou da ciência pura e simplesmente. Referindo-se às palavras do apóstolo em 1 Coríntios 6.2: “Não sabeis vós que os santos não de julgar o mundo? Ora, se o mundo deve ser julgado por vós, sois porventura indignos de julgar as coisas mínimas”, Nietzsche escreve: “Infelizmente não se trata apenas de palavras de um lunático... Aquele *terrível* impostor prossegue, então: ‘Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas pertencentes a esta vida?’”.⁷ E, citando literalmente 1 Coríntios 1.20ss., Nietzsche continua com o seguinte comentário:

A fim de se compreender esta passagem, exemplo de primeira qualidade da psicologia que há por baixo de toda moralidade de pária⁸, é preciso ler a primeira parte de minha “Genealogia da Moral”: ali, pela primeira vez, está exposto o antagonismo entre uma moralidade nobre e uma moralidade fruto do ressentimento e de uma impotente sede de vingança. Paulo foi o maior apóstolo da vingança...⁹

Na mesma obra *O Anticristo*, Nietzsche continua emitindo seu juízo de valor sobre o Cristianismo protagonizado por Paulo, classificando-o como inimigo da ciência pura e simplesmente:

Uma religião como o cristianismo, que não toca na realidade em um só ponto e que se despedaça no momento em que a realidade afirma seus direitos em qualquer ponto, tem de ser inevitavelmente o inimigo mortal da “sabedoria deste mundo”, quer dizer, da ciência - e será considerado bom tudo que sirva para envenenar e caluniar e condenar toda disciplina intelectual, toda lucidez e rigor em questões de consciência intelectual, e toda a nobre imparcialidade e liberdade de espírito. A “fé” como imperativo veta a ciência in praxi, mentindo a qualquer

⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. *O Anticristo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985, p. 88.

⁸ A mais baixa e degradante moralidade imaginável.

⁹ NIETZSCHE, 1985, p. 88.

preço... Paulo sabia muito bem que a mentira – a “fé” era necessária; mais tarde, a igreja copiou o fato de Paulo. – O Deus que Paulo inventou para si mesmo, o Deus que “reduzia ao absurdo” a “sabedoria deste mundo” (especialmente a filologia e a medicina), é, na verdade, apenas uma indicação da resoluta determinação de Paulo no sentido de alcançar ele próprio este objetivo: dar à própria vontade o nome de Deus, *thora* – o que é essencialmente judaico. Paulo quer eliminar “sabedoria deste mundo”: seus inimigos são os bons filólogos e médicos da escola alexandrina, contra os quais declara guerra. Na verdade, ninguém pode ser filólogo ou médico sem ser também Anticristo.¹⁰

Não é aqui o lugar para discutir as razões deste *veredito* de Nietzsche, mas não há dúvida de que ele entendeu algo da radicalidade das palavras de Paulo e, como poucos, percebeu a *loucura* que elas externam e representavam tanto na Antiguidade quanto na Modernidade como também na Pós-modernidade. O filósofo judeu Jacob Taubes, por sua vez, chama a atenção ao fato de Nietzsche querer “a inversão dos valores” (*die Umwertung der Werte*). Em Paulo, ele descobriu quem conseguiu essa *façanha*, o que deixou Nietzsche “muito invejoso... Ele (Paulo) o conseguiu, porque nele o veneno do ressentimento é eficaz” (*sehr neidisch... Der hat's geschafft, weil in ihm das Gift des Ressentiments wirksam ist*).¹¹

Ademais, é pertinente a observação de Kristlieb Adloff de que no decorrer da “história da igreja houve sempre de novo instantes peculiares em que precisamente a palavra de Paulo, como fogo e martelo (Jr 23.29), moveu pessoas e circunstâncias não só construtivamente, mas também destrutivamente”.¹² Foi o que aconteceu em Nietzsche. Nestes termos, Nietzsche contribui para descobrir dimensões profundas dos escritos paulinos que desafiam a academia teológica e a fé cristã in praxis.

Paulo contrapõe sabedoria de Deus e sabedoria deste mundo

¹⁰ NIETZSCHE, 1985, p. 91-92.

¹¹ TAUBES, Jacob. *Die politische Theologie des Paulus*. München: Wilhelm Fink Verlag, 2003, p. 109. Nas p. 107-122, Taubes menciona assuntos que permitem um diálogo frutífero ente Paulo e Nietzsche.

¹² ADLOFF, Kristlieb. *Paulus – Prophet des Gottesreiches*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2013, p. 12.

(1Co 1.18ss.). Contudo, o apóstolo não faz nenhuma acareação entre as duas para ver a razão de cada uma delas. Elas não coexistem como parceiras ou colegas num empreendimento maior comum. Ao contrário, uma exclui a outra. Neste sentido, Paulo e Nietzsche se encontram na mesma base de argumentação. A diferença irreconciliável entre ambos é que estão em lados diametralmente opostos impossibilitados de se encontrar, a menos que um – e somente um deles – revogasse por completo sua mais profunda convicção. Mas não é o objetivo discutir aqui detalhes a esse respeito. Antes, quer-se ver o que está por trás de 1 Coríntios 1.18ss.

Manuel Vogel ressalta que em Corinto destacava-se a sabedoria (σοφία) como “marca de distinção social” (*soziales Distinktionsmerkmal*).¹³ E o elemento fundante do texto é que a “sabedoria e com ela todo o estamento erudito (*Gelehrtenstand*) se ridicularizou uma vez por todas e de forma irreparável”.¹⁴ Segundo Vogel, isto aconteceu quando o “estamento erudito, representado pelos juristas judeus, mobilizou toda sua erudição para achar o Filho de Deus culpado de morte e o entregou aos órgãos romanos para execução”.¹⁵

O que evoca dúvidas são os termos σοφός (*sábio*) – γραμματεύς (*escriba*) e συζητητής (*inquiridor*) no v. 20. Alguns intérpretes entendem *sábio* como uma representação dos gregos, *escriba* como circunscrição para os judeus e *inquiridor* como uma referência a outras nações.¹⁶ A. Schlatter, por sua vez, vê nessas palavras títulos de honra para os eruditos do judaísmo.¹⁷ Já Vogel enxerga nelas uma referência à “teologia judaica e sua representação escolástica”.¹⁸ Entretanto, o acréscimo τοῦ αἰῶνιου τούτου (*deste século/desta era* [v. 20a]), Vogel interpreta como “ampliação do foco para σοφία τοῦ

¹³ VOGEL, Manuel. Theologien des Kreuzes. In: SCHÜRER, Emil; HARNACK, Adolf von (funds.). *Theologische Literaturzeitung*. Leipzig, v. 136, n. 7/8, jul/agos, 2011, p. 725.

¹⁴ VOGEL, 2011, p. 725.

¹⁵ VOGEL, 2011, p. 725.

¹⁶ Comentado por FASCHER, Erich. Der erste Brief des Paulus an die Korinther. Erster Teil. Einführung und Auslegung der Kapitel 1-7. In: FASCHER, Erich. (ed.). *Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament*. v. 7/1. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1975, p. 99.

¹⁷ Assim SCHLATTER, Adolf. *Paulus der Bote Jesu: Eine Deutung seiner Briefe an die Korinther*. 4.ed. Stuttgart: Calwer Verlag, 1969, p. 84; cf. também p. 85.

¹⁸ Assim, VOGEL, 2001, p. 725.

κόσμου“ (*sabedoria do mundo* [v. 20b]). Isso faz todo sentido. Fascher destaca que nos v. 18-25 Paulo não opera com a “antítese σοφία – μωρία (sabedoria - loucura) como veredito que emerge da capacidade humana de pensar (*Denkvermögen*)”, mas o apóstolo forma o “contraste μωρία – δύναμις” (loucura - sabedoria).¹⁹

Tanto Fascher quanto Vogel ressaltam que a crítica de Paulo à “sabedoria deste mundo” ou “sabedoria corintiana” (*korinthische Weisheit*) não se refere à sabedoria humana terrena ou ao saber imanente pura e simplesmente.²⁰ O apóstolo não é advogado da ignorância para reduzir a sabedoria do mundo ao absurdo nem é inimigo da filologia e medicina, como afirmava Nietzsche em seu *O Anticristo*²¹, tampouco se opunha à “boa filosofia”²², *a priori*. As próprias cartas paulinas no NT são prova cabal disto.

Conforme Paulo, o *avesso* ou o *inverso* de *loucura*, *poder* e *sabedoria* não está na reflexão sobre um determinado assunto teológico, filosófico, sociológico ou ainda outro qualquer, mas tem uma “referência histórica” singular que consiste no “erro judiciário em relação a Jesus”²³ que o condenou à morte: “sabedoria essa²⁴ que nenhum dos poderosos deste século conheceu²⁵; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória” (1Co 2.8)²⁶. A sabedoria do mundo (σοφία τοῦ κόσμου) ou dos seres humanos fracassou no ponto crucial da história: a crucificação de Jesus. Exatamente aqui Deus inverte loucura, poder e sabedoria no avesso delas próprias (1Co 1.26-29). Vogel fala de

dupla resposta de Deus ao fracasso dos sábios: a preterição daqueles que dispõem de sabedoria, poder e prestígio social, e a eleição daqueles que não dispõem sobre tudo isso. Esse fato e a dupla resposta divina a isso, Paulo formalmente denomina ‘a palavra da cruz’, o λόγος τοῦ σταυροῦ. Os de fora²⁷ queiram pensar a respeito

¹⁹ FASCHER, 1975, p. 104. O que está entre aspas é acréscimo nosso.

²⁰ FASCHER, 1975, p. 104; VOGEL, 2011, p. 727.

²¹ NIETZSCHE, 1985, 91.

²² VOGEL, 2011, p. 727.

²³ VOGEL, 2011, p. 725.

²⁴ Paulo está se referindo à sabedoria de Deus (1Co 2.6-7).

²⁵ O verbo grego traduzido com “conhecer” é γινώσκω e tem o significado de *reconhecer*.

²⁶ Mais detalhes sobre 1 Coríntios 2.8 encontram-se na parte 2. **O significado da palavra da cruz.**

²⁷ No original é *Aussenstehenden* e quer dizer os que não fazem parte da comunidade.

o que quiserem, mas no interior da comunidade não deve haver dúvida a respeito da eleição dos iletrados, porque só assim é garantido que cultura²⁸ não seja compreendido como marca de distinção social na disputa pela autoridade doutrinária máxima²⁹ que desestabiliza o organismo social ‘comunidade’.³⁰

É preciso entender que a palavra da cruz é uma inversão dos valores a respeito de loucura, poder e sabedoria não só para *os de fora*, mas também e em primeiro lugar é uma inversão dos valores para *os de dentro*. No texto em destaque – e não só nele, mas nos escritos paulinos como um todo – depara-se com uma dimensão social inegável da teologia de Paulo que quer ser traduzida em atitude condizente à sabedoria de Deus, dentro e fora da comunidade (1Co 5-6; 8-10; Rm 12.1-2)].³¹ Evidentemente, na maioria das vezes é um *modus vivendi* na contramão da conveniência ou utilidade do *status quo* que ignora a sabedoria ou loucura de Deus que transcende espaços e tempos. Com palavras de Hinkelammert: “Uma loucura percorre o império: a loucura divina”.³²

1.2 O evangelho como poder de Deus a partir de Romanos 1.16-17

Para fins práticos, transcreve-se novamente o texto.

¹⁶ Pois não me envergonho do evangelho, porque é poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego;

¹⁷ visto que a justiça de se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

²⁸ No original é *Bildung*, o que corresponde à erudição e formação ou instrução que garante prestígio social.

²⁹ *Höchste Lehrautorität*.

³⁰ VOGEL, 2011, p. 725-726.

³¹ Cf. HORSLEY, Richard A. 1 Coríntios: estudo de caso da assembleia de Paulo como sociedade alternativa: In: HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 238-247.

³² HINKELAMMERT, 2012, p. 51.

Em Romanos 1.16-17 Paulo não menciona a cruz ou a crucificação de Jesus.³³ Em contrapartida referência duas vezes evangelho. A rigor, Romanos 1.16-17 não foge à regra ou natureza da argumentação de Paulo em 1 Coríntios 1.18ss. Uma comparação de Romanos 1.16 com 1 Coríntios 1.18-25 depara com os seguintes elementos linguísticos comuns aos dois textos: a) Judeus e gregos são os destinatários do recado de Deus. b) “Poder de Deus” (δύναμις θεοῦ) é a característica tanto da palavra da cruz quanto do evangelho. c) Tanto uma quanto o outro operam para a salvação das pessoas que creem, tanto judeus como gregos ou gentios. Disto Wolter conclui:

A “palavra da cruz” não tem outro conteúdo do que noutra parte Paulo denomina “evangelho” e em 1Co 1.21 (denomina) “kerygma”... Portanto, a “palavra da cruz” não é um texto a ser distinguido do “evangelho”, mas tem um e o mesmo conteúdo como “evangelho”. Por conseguinte, em 1Co 1.18-25 Paulo quer esclarecer aos leitores de sua carta que o evangelho de Jesus Cristo proclamado por ele e por meio do qual vieram à fé ... é uma “palavra da cruz”.³⁴

Da identificação de palavra da cruz e evangelho como Wolter o faz, o passo da identificação de ambos com a *justificação pela fé* é muito curto. Aliás, por causa do termo *fé* ou *crer* (1Co 1.21; Rm 1.16-17; 3.21-26; Rm 4) esse passo praticamente se impõe. Apesar disso, conexões aleatórias entre esses textos não se legitimam, pois tendem a nivelar a realidade teológica específica que cada texto advoga e transformá-las em verdades abstratas que esvaziariam seu sentido e objetivo específicos. Contra esse risco, Vogel adverte quando escreve:

Assim que se mistura teologia da cruz com a doutrina da justificação e se identifica a “palavra da cruz” com o termo do “evangelho” e se fala de forma estereotípica do “significado salvífico da

³³ Na carta toda Paulo usa apenas uma única vez o verbo *crucificar*, mais precisamente o composto *συσταυρόω* (*crucificar junto com*) [Rm 6.6]). Esse fato não tem nenhuma indicação do grau de importância que a cruz ou crucificação de Jesus tem na carta. Aliás, nas assim chamadas cartas autênticas de Paulo (Rm, 1 e 2Co, Gl, Fp, 1Ts e Fm), o apóstolo emprega 17 vezes a palavra *cruz* (*σταυρός*) e cognatos. Destas, 13 ocorrências se encontram em apenas duas cartas, como segue: 1Co 1.13, 17, 18, 23; 2.2, e 8; Gl 2.19; 3.1; 5.11, 24; 6.12 e 14, com duas ocorrências. Essas estatísticas devemos a WOLTER, Michael. *Paulus: Ein Grundriss seiner Theologie*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlagsgesellschaft, 2015, p. 117.

³⁴ WOLTER, 2015, p. 121.

cruz de Jesus”, o pensamento paulino perde em grande medida seu ímpeto crítico. Sem dúvida, em Paulo existe um significado salvífico da morte de Jesus; porém onde Paulo fala explicitamente da *cruz* não se trata da apropriação da salvação, mas da inversão de valores vigentes, em 1Co 1 nomeadamente da crítica do *Statusdenken* social e religioso... Contudo, a *dynamis* da palavra da cruz (*Kreuzeslogos*) é algo diferente que a do evangelho. Ela não constitui em primeiro lugar salvação, mas é crítica destrutiva, como a citação de Isaías a respeito da destruição da sabedoria dos sábios (I.19) o formula com suficiente clareza.³⁵

Retomando *O evangelho como poder de Deus* em Romanos 1.16-17, ressalta-se algumas questões para conclusão:

1) O fato de Paulo afirmar que ele *não se envergonha do evangelho* dá a entender que isso não era óbvio, mas havia motivos para se envergonhar dele, do contrário as palavras paulinas não fariam sentido.

2) A outra questão diz respeito a *poder de Deus*. Não se tratava de um poder incontestável e, por conta disso, irresistível. Fosse assim, também não haveria necessidade de afirmá-lo. É preciso dar-se conta de que o destino da carta eram os crentes em *Jesus Messias*³⁶ que habitavam em Roma, capital do império. Lá, a questão do poder estava decidida e era mantida pela segurança nacional – a espada romana. Paulo tinha que contar com a possibilidade de sua correspondência ser aberta para verificação de conteúdo suspeito.³⁷ Sob esta vertente, o que Paulo escreve era altamente desafiador e perigoso. Isso não significa que o apóstolo estava maquinando “estratégias para ação política e social”³⁸ e que quisesse provocar as autoridades públicas, mas a natureza do poder de Deus manifesto no evangelho que Paulo proclama implica riscos numa sociedade determinada por poderes absolutos visíveis, por vezes não visíveis.

³⁵ VOGEL, 2011, p. 727-729.

³⁶ Em vez de Jesus Cristo, usamos a expressão *Jesus Messias*, porque na língua portuguesa *Cristo* não é tradução, é apenas transliteração de *Χριστός* (*Christos*) que significa *messias*.

³⁷ Cf. HAACKER, Klaus. *Der Brief des Paulus an die Römer*. In: FASCHER, Erich; ROHDE, Joachim; SCHNELLE, Udo, et. al. *Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament*. v. 6. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 1999, p. 264.

³⁸ ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 120.

3) A palavra *evangelho* não era um termo neutro e de uso exclusivamente interno de um grupo religioso pequeno como, por exemplo, as comunidades (ἐκκλησίαι) emergentes do “movimento de Jesus, conhecido também como *os que são do caminho* (τῆς ὁδοῦ ὄντας [At 9.2]). Pelo contrário, havia no tempo de Paulo o que alguns denominam de “*Evangelho da salvação imperial*” ou “*evangelho de César*”.³⁹ Na compreensão de Dieter Georgi, “ao usar termos tão carregados como *euangelion*, *pistis*, *dikaiosyne* e *eirenê* como conceitos centrais em Romanos, ele (Paulo) evoca suas associações com a teologia política romana”.⁴⁰ O filósofo judeu Taubes vai mais longe e intitula o prefácio da carta de Paulo aos Romanos de “O evangelho como declaração de guerra a Roma” (*Das Evangelium als Kriegserklärung an Rom*). Traduzindo Romanos 1.4: *o qual, segundo o espírito da santidade, foi instituído como Filho de Deus em poder pela (desde a) ressurreição dentre os mortos*, Taubes comenta:

Como Filho de Davi Jesus foi designado para o senhorio; isso é uma qualidade natural. Contudo, ‘Filho de Deus’ não é uma designação natural, mas uma qualidade prometida como é dito no Salmo 2, o Salmo real: “Tu és meu Filho. Hoje te gerei”. Isso é um ato de entronização. Portanto, trata-se de um destaque daqueles atributos que são imperiais... Eles são enfatizados em relação à comunidade em Roma onde o imperador está pessoalmente presente, e onde está o centro do culto a César - a religião dos césares.⁴¹

4) O fato de Paulo denominar-se “*servo* (δοῦλος = escravo) *de Jesus Messias, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus* (Rm 1.1) porta, potencialmente, o embrião de tensões com quaisquer autoridades que reivindicuem submissão irrestrita ou cumplicidade, como era o caso da ordem imperial romana. Embora não mercadejasse com suas experiências, Paulo não esconde sofrimentos (παθήματα) e tribulação (θλίψις) que teve por conta de ser δοῦλος (servo/escravo) de Cristo.⁴²

³⁹ HORSLEY, 2011, p. 11; cf. também p. 12ss.; p. 19ss.

⁴⁰ GEORGI, Dieter. Deus virado de cabeça para baixo. In: HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 151.

⁴¹ TAUBES, 2003, p. 23-36,

⁴² Mais informações encontram-se em WIESE, Werner. *Dimensões da expectativa e esperança escatológica: uma análise exegética de Romanos 8.18-27*. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2004, p. 105-121.

2. O SIGNIFICADO OU VALOR DA PALAVRA DA CRUZ

Na crucificação de Jesus depara-se com motivos religiosos e políticos imbricados uns aos outros de tal modo que nem sempre é possível distingui-los. Isto gerou e gera compreensões distintas do significado da morte de Jesus e de sua relevância que transcende etnias, religiões e séculos tanto é que centenas de milhões de pessoas são identificadas de alguma forma como *cristãos*. Mais que isso, milhões de pessoas não enumerados sentiram o lado sombrio do uso da cruz como símbolo cristão.

2.1 Os agentes da crucificação de Jesus

Quem, afinal, é culpado pela crucificação de Jesus: a elite religiosa judaica? Os romanos? Ambos? Ou ela foi *querida* por Deus? O NT não fornece um quadro homogêneo a respeito que permitisse distinguir os agentes limpidamente.

Nos Evangelhos, assim destaca Vogel, depara-se com elementos contrapostos como cenas degradantes da crucificação e ao mesmo tempo existem traços de soberania de Jesus em relação ao que lhe acontece no processo impetrado contra ele. Por exemplo, Jesus roga a Deus pelos seus próprios carrascos: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). E na hora em que ele é preso, impede que um dos seus discípulos o defenda com a espada, inclusive “abre mão da intervenção de anjos, da qual muito bem poderia ter feito uso”⁴³: “Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos” (Mt 26.53). O exegeta continua e diz literalmente: “Já no Novo Testamento a cruz por um lado é o fim de um movimento decadente⁴⁴ à baixeza e, por outro lado, o começo de um movimento ascendente à alteza celeste”.⁴⁵

Detalhes à parte, a tradição evangélica, incluindo o livro de Atos (Confira At 2.14-36, principalmente v. 22, 23 e 36) fala nomeadamente dos judeus, mais precisamente da *classe religiosa*, e da autoridade romana

⁴³ *Schon im Neuen Testament ist das Kreuz einerseits das Ende einer Abwärtsbewegung in die Niedrichkeit und andererseits der Beginn einer Auwärtsbewegung zu himmlischer Hoheit* (VOGEL, 2011, p. 723).

⁴⁴ Não no sentido de *decadência* para a ruína da sociedade da qual Nietzsche falava.

⁴⁵ VOGEL, 2011, p. 724.

representada em *Pilatos* como agentes da condenação e crucificação de Jesus. Pilatos, porém, figura mais como cúmplice contra sua própria vontade do que como agente voluntário (cf. Mt 27.17-26; Mc 15.14-15; Lc 23.4, 13-15; Jo 18.38; 19.12-16). No entendimento de N. Elliott “... os próprios evangelistas obscureceram em parte o caráter político da morte de Jesus lançando a responsabilidade por essa morte sobre os judeus...”.⁴⁶

Paulo, com exceção de 1 Tessalonicenses 2.14-16 e 1 Coríntios 2.6-8⁴⁷, silencia a respeito dos agentes da crucificação. No primeiro dos dois textos o apóstolo culpa os judeus pela morte de Jesus, inclusive os define como adversários de toda gente.⁴⁸ Esta formulação ou tese da culpa é generalizante, pois nem todos os judeus podem ser enquadrados nela. Já em 1 Coríntios 2.6-8 o apóstolo culpa os “poderosos deste século” (ἄρχοντες τοῦ αἰῶνος τούτου) pela crucificação do “Senhor da glória” (v. 8). Aqui outra vez depara-se com uma formulação generalizante – uma culpa coletiva dos *poderosos deste século*, sem que Paulo os nominasse. Elliott ressalta que no NT o termo ἄρχοντες (*poderosos*) ou o singular ἀρχων normalmente é uma referência “a governantes humanos”, mas “também pode referir-se a seres supra-humanos (como, por exemplo, os ‘príncipes’ angélicos por detrás dos impérios persa e grego em Daniel 10.13, 20)”.⁴⁹ Independente de uma identificação específica clara dos agentes da crucificação em 1 Coríntios 2.6-8, Vogel fala de uma “tese da culpa coletiva” (*Kollektivschuldthese*) e levanta a pergunta “o que será teria acontecido se *esta* tese da culpa coletiva tivesse feito história e não aquela outra que lamentavelmente também se encontra em Paulo (1Ts 2.15), ou seja, a acusação contra os judeus de homicídio do Cristo”.⁵⁰

⁴⁶ ELLIOTT, 1997, p. 148.

⁴⁷ 1 Coríntios 2.6-8 faz parte do bloco literário que, a rigor, começa em 1 Coríntios 1.10 e termina em 4.21, e notadamente expressa a natureza da “palavra da cruz” como loucura e poder (1Co 1.18).

⁴⁸ Vários exegetas questionam a autoria paulina de 1 Tessalonicenses 2.14-16. Representativamente para muitos, ELLIOTT, 1997, p. 149, fala de “uma interpolação feita por um escriba cristão na esteira da guerra judaica”.

⁴⁹ Cf. ELLIOTT, 1997, p. (149-)150. Confira-se também CONZELMANN, Hans. Der erste Brief des Paulus an die Korinther. 2.ed. In: HAHN, Ferdinand (ed.) *Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981, p. 87-88; FASCHER, 1975, p. 117ss., principalmente p. 124-125.

⁵⁰ VOGEL, 2011, p. 725.

2.2 Aspectos da interpretação da morte de Jesus em Paulo

Conforme o testemunho do NT, a crucificação e morte de Jesus se move entre a mais extrema humilhação que alguém pode sofrer e última “exaltação” – o que inclui a ressurreição (Fp 2.8-9).⁵¹ A começar pelos Evangelhos, os registros relacionados à morte de Jesus não são apenas *matéria fria* de coleta de dados sobre os agentes da crucificação, mas portam elementos interpretativos explícitos e implícitos da morte de Jesus⁵² que transcendem os fatos históricos verificáveis. Nos dois únicos textos em que Paulo menciona os agentes da morte de Jesus (1Ts 2.14-16; 1Co 2.6-8), ele não se furta de interpretação. Sem interpretação suas palavras não fariam sentido para os crentes em Jesus Cristo que viviam em Tessalônica e em Corinto ou qualquer outro lugar, uma vez que elas foram escritas duas décadas depois da crucificação de Jesus e longe do *solo mãe* em que esta ocorreu.

Paulo não foi o primeiro a interpretar a morte de Jesus (Cf. 1Co 15.3: ἀπέθανεν ὑπέρ... morreu a favor/pelos...). Porém ele foi, por assim dizer, o primeiro a “formular uma teologia da cruz”.⁵³ Ninguém outro enfatizou tanto como Paulo a centralidade de *Jesus Messias* crucificado. Três exemplos são o bastante para dirimir qualquer dúvida em relação a isso: (1) Aos Coríntios declara: “... decidi nada saber... senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1Co 2.2; cf. também 1Co 1.23). (2) Já aos gálatas lembra incisivamente que diante dos seus “olhos foi exposto Jesus Cristo como crucificado” (Gl 3.1; cf. também Gl 6.14). (3) Em Filipenses 2.8 testifica: “[Jesus Cristo]... a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz”.

Da centralidade de Jesus Messias crucificado decorre nas cartas paulinas uma *linguagem sacrificial* incontestável. Como exemplo, destacam-se aqui apenas cinco textos-prova robustos: (1) “... Jesus

⁵¹ É preciso dar-se conta de que sem a ressurreição, a crucificação e morte de Jesus teriam se diluído no mesmo anonimato da crucificação de milhares, talvez dezenas de milhares de pessoas no contexto sócio-político e religioso do império romano da época.

⁵² Para exemplos explícitos nos Evangelhos, cf. os Evangelhos, cf. Mateus 26.53-56; 29.9; João 11.49-52; 18.32; 19.24. A interpretação implícita é assunto complexo cuja abordagem transcende o objetivo e o espaço deste artigo. *Elementos interpretativos* não devem ser confundidos com invenção de fatos, mas eles são a ponte entre o *núcleo primário* da ocorrência, no caso a crucificação de Jesus e os destinatários deste núcleo.

⁵³ VOGEL, 2011, p. 724; cf. também WOLTER, 2015, p. 116-128.

Cristo, o qual se entregou a si mesmo⁵⁴ pelos nossos pecados...” (Gl 1.3-4); (2) “... Deus enviou seu Filho... para resgatar os que estavam sob a lei...” (Gl 4.4-5); (3) “Aquele [Cristo] que não conheceu pecado, ele [Deus] o fez pecado por nós...” (2Co 5.21); (4) “... Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação...” (Rm 3.24-25); (5) Deus “não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou...” (Rm 8.32). Nesta linguagem sacrificial Deus aparece como “protagonista” da morte de Jesus.⁵⁵

Nestes termos, Paulo não só destacou e desdobrou a centralidade de Jesus Cristo crucificado, mas seus escritos *influenciaram* decisivamente a história posterior da interpretação, o que passa necessariamente pela linguagem do apóstolo – seja ela sacrificial, sócio-política ou outra.

2.3 Aspectos da influência paulina na interpretação da morte de Jesus

O que Paulo disse da morte de Jesus está sujeito a várias interpretações. Neste item se destacam apenas alguns *ecos* delas.

2.3.1 Impactos e Reflexos de 1 Tessalonicenses 2.15-16

Em Mateus 27.25 lê-se: “E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos” (Mt 27.25). Os judeus reivindicam para si a responsabilidade pela crucificação de Jesus. Quaisquer que tenham sido os motivos do registro dessas palavras no Evangelho de Mateus, elas em parte fazem coro com as palavras de Paulo em 1 Tessalonicenses 2.15-16, segundo as quais os judeus “não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também ... não agradam a Deus, e são adversários de todas as pessoas... A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente”. Essas palavras tornaram-se pilares para estigmatizar os judeus não só como culpados pela morte de Jesus, mas também como os que se opõem ao próprio Deus e que são adversários de todas as pessoas. Por conta disso, estão

⁵⁴ Este *entregar-se* não deve ser entendido como bravura ou como uma “morte heroica” (*Heldentod*) para obter glória; cf. WOLTER, 2015, p. 118.

⁵⁵ Isto choca qualquer senso humanístico, mas não é objetivo abordar esse *choque humanístico* neste artigo.

irreversivelmente sob a ira de Deus, ou seja, excluídos da salvação. É, por assim dizer, um veredicto dos mais extremos que se possa proferir sobre alguém. Tanto isso é verdade que há quem lamente que tais palavras se encontram nas cartas de Paulo⁵⁶, ou quem queira livrá-lo delas e, por isso, as atribui a um “escriba cristão na esteira da guerra judaica”⁵⁷ contra Roma nos anos 66-70 d.C. Esse escriba cristão as teria inserido na carta aos Tessalonicenses para livrar os cristãos de qualquer suspeita em relação aos romanos e fez com que a suspeição caísse sobre os judeus. De modo semelhante é interpretado Mateus 27.25. Independente do mérito da questão, depara-se aqui com um dos fatores que contribuiu para um *antisemitismo crônico* que se traduziu em todo tipo de violência contra judeus ao longo da história.⁵⁸ O extermínio de milhões de judeus durante o regime nazista de Adolf Hitler, na Alemanha, na primeira metade do século XX, é apenas o exemplo mais cruel e, entretanto, publicamente conhecido, mas infelizmente não é caso único de violência praticada contra os judeus.⁵⁹

2.3.2 A *inversão* de Jesus Cristo crucificado num Cristo triunfante

Parece que desde o princípio a morte de Jesus teve reservas de sentido. Os textos de Paulo aludidos, principalmente Gálatas 1.3-4.4-5; 4.2Co 5.21; Romanos 3.24-25; 8.32 e Filipenses 2.8, dão ampla cobertura para interpretar a morte de Jesus como *sacrifício* pelos pecados, querida por Deus.⁶⁰ O próprio apóstolo assim a interpretou. Tanto isso é verdade que, grosso modo, essa interpretação se impôs na tradição cristã majoritária. Contudo, é deplorável que Jesus Cristo crucificado e ressurreto que Paulo proclamou foi transformado aos poucos em um *Cristo triunfante* que se torna uma ameaça para as pessoas que não aderem a ele e sua causa representada por seus *ministros*. É um *Cristo imperializado* que se instala na igreja com tendências de subjugar

⁵⁶ VOGEL, 2011, p. 725.

⁵⁷ ELLIOTT, 1997, p. 149.

⁵⁸ Paulo certamente não tinha a intenção de suscitar ódio contra os judeus, povo a quem ele próprio pertencia; cf. Rm 9.1-5.

⁵⁹ ADLOFF, 2013, p. 75ss., principalmente p. 82-83, chama a atenção ao fato de o Reformador Martin Lutero ter cultivado um *extremer Judenhass* (ódio extremo contra os judeus) com o qual os perseguia.

⁶⁰ Cf. também Mt 26.54: “Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder”.

as pessoas e dominá-las. Hinkelammert diz a respeito: “Quando, a partir do século III e IV (d.C.), se impõe a ortodoxia – termidor⁶¹ do cristianismo – marginalizam-se a interpretação paulina da crucifixão e seus responsáveis. Quando se cristianiza o império, o império imperializa o cristianismo”.⁶² Com sentido semelhante, Richard A. Horsley formula: “O cristianismo foi um produto do império. Numa das grandes ironias da história, o que veio a ser a religião estabelecida do império começou como um movimento antiimperial”.⁶³ De mais a mais, isso se fez sentir, notadamente na colonização do nosso continente a partir do descobrimento do Novo Mundo em 1492. Referindo-se à cristianização da América, Hinkelammert escreve: “... numa situação em que o cristianismo veio à América para batizar, não para pregar a Boa Nova. A ‘nova’ que trouxe era uma ‘má-nova’. Mas batizava”.⁶⁴ Fato é que em larga escala os que agiam em nome do Cristo triunfante tornaram-se sábios deste mundo, quer dizer, agiam como *poderosos deste século* (1Co 2.6-8) e não na loucura (μωρία) e no poder (δύναμις) de Deus conforme 1 Coríntios 1.18ss.

Contudo, não se trata apenas de um passado obscuro, porém distante do nosso tempo e que por isso é uma página virada da história, pelo contrário. Num artigo sobre “Luta contra mentalidades de dominação”, Jaqueline M. Hidalgo⁶⁵ relata que durante uma viagem de João Paulo II ao Peru no final do século passado, um grupo de “indígenas dos Andes” (*Indianer der Anden*) abriu mão da Bíblia e a devolveu ao Papa

porque durante cinco séculos ela [a Bíblia⁶⁶] não nos trouxe amor nem paz nem justiça. [...] Tome, por favor, vossa Bíblia e devolva-a aos

⁶¹ *Fator controlador.*

⁶² HINKELAMMERET, 2012, p. 37. Neste contexto, convém mencionar o *Cristograma* com as letras iniciais em língua grega do nome Cristo - usado até hoje como um dos símbolos do cristianismo, não por último como expressão de poder. Ademais, lembra-se de *Terra de Santa Cruz* - um dos nomes interinamente dados ou sugeridos para a parte do *Novo Mundo* que receberia o nome *Brasil*.

⁶³ ELLIOTT, Neil. A mensagem antiimperial da cruz. In: HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 9.

⁶⁴ HINKELAMMERT, 2012, p. 53.

⁶⁵ HIDALGO, Jaqueline M. Im Kampf mit Herrschaftsmentalitäten. In: FIORENZA, Elisabeth Schüssler; JOST, Renate (eds.). *Feministische Bibelwissenschaft im 20. Jahrhundert*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2015, p. 205; cf. também ELLIOTT, 1997, p. 21-22.

⁶⁶ O que está entre colchetes é inclusão nossa.

nossos opressões, pois eles necessitam mais das suas prescrições morais que nós. [... [...]] Ela veio a nós como arma ideológica do assalto colonial. Durante à noite a espada espanhola se transformou em cruz que atormentava a alma indígena.⁶⁷

Percebe-se nessas palavras como poderes de natureza bem distinta - o poder conforme a sabedoria deste século e o poder de Deus manifesto em Jesus Cristo crucificado - afinaram no Cristo triunfante. Nele se irmanaram assustadoramente para levar a efeito duradouro o status quo que vitima as pessoas mais vulneráveis.⁶⁸ É estarrecedor que esse estado de coisas se nutriu de textos bíblicos, singularmente de Romanos 13.1-7, que conclama para sujeitar-se às autoridades (ἐξουσία), porque a autoridade (ἐξουσία) procede de Deus e foi instituída por ele e é ministro (διάκονος [diakonos]) de Deus. Por conseguinte, quem não se sujeita à autoridade se opõe ao próprio Deus.⁶⁹

2.3.3 Contestação da “palavra da cruz” e o resgate dela

A escassez de referências nas cartas de Paulo aos agentes da crucificação⁷⁰ e a vinculação que o apóstolo faz de Jesus Cristo crucificado com a linguagem sacrificial colocam-no sob suspeita de *desinteresse histórico* em relação às causas da morte de Jesus. Isto teve consequências funestas para a teologia cristã ao longo da história. No seu livro “Libertando Paulo”, N. Elliott discute essa questão com vários intérpretes, acima de tudo sob a vertente libertária da teologia “para obter retrato mais nítido do Paulo histórico”⁷¹ e tornar a teologia da cruz outra vez relevante. Partindo do livro de Elliott,

⁶⁷ HIDALGO, 2015, p. 205.

⁶⁸ De acordo com uma série de pesquisas, em 1492 as Américas tinham uma população entre 50 a 80 milhões de pessoas. No final do século XVI esta população estava diminuída para mais ou menos 10 milhões de pessoas. Berlinger escreve a respeito: “Mesmo que não se possa definir estritamente como genocídio... essa foi certamente a maior tragédia demográfica já vivida pela espécie humana”. BERLINGER, Giovanni. *Bioética cotidiana*. Brasília: Universidade de Brasília, 2004, p. 215.

⁶⁹ Romanos 13.1-7 é um dos textos mais intrigantes em Paulo que carece de uma abordagem própria à parte.

⁷⁰ Apenas dois textos: 1Ts 2.14-16 e 1Co 2.6-8.

⁷¹ ELLIOTT, 1997, p. 147.

seguem apenas alguns argumentos que pesam contra Paulo. (1) Charles Cousar - ex-professor de Novo Testamento no *Theological Seminary* na Columbia nos Estados Unidos - escreve: “Paulo mostra-se inteiramente desinteressado em descobrir as pegadas e identificar os vilões responsáveis pela crucifixão de Jesus, nem oferece razões históricas pelas quais a perpetraram”.⁷² Para usar uma expressão da *neurolinguística*, Paulo ressignificou a crucificação, ou seja, interpretou a morte de Jesus como sacrifício pelos pecados. (2) Por conta desta *ressignificação*, o apóstolo é acusado de ter encoberto as razões políticas da morte de Jesus. Conforme Paula Fredriksen, Paulo “desnacionaliza Cristo” ou o despolitiza. Uma vez despolitizado o Cristo crucificado, Paulo “exalta uma realidade que é totalmente espiritual” e, por conseguinte, “encolhe o significado da política contemporânea”.⁷³ Já o acadêmico e dramaturgo inglês judeu Hyam Maccoby enfatiza: “Foi Paulo que desligou Jesus da missão de libertação, fazendo dele uma figura do outro mundo, cuja missão não tinha nenhuma relevância para a política ou para os sofrimentos de seus companheiros judeus sob o domínio dos romanos”.⁷⁴ Em *suma*: Paulo criou um mundo fictício inteiramente abstraído da realidade. (4) O apóstolo alimentou esse mundo fictício com a interpretação da morte de Jesus como sacrifício pelos pecados e influenciou mais que qualquer outro livro do Novo Testamento a “hermenêutica sacrificial”.⁷⁵ Elliott resume opiniões de vários intérpretes:

Se Paulo desempenhou papel tão decisivo em promover a interpretação da morte de Cristo como sacrifício, então se deve reter Paulo como responsável por infectar a teologia cristã posterior com a lógica fatal da necessidade divina sancionada de derramamento de sangue, de “boa violência” – um legado desastroso ao ver de alguns teólogos contemporâneos (Rita Nakashima Brock, Rosemary Radford Reuther, Christine Gudorf).⁷⁶

A “teologia da cruz” como Paulo a teria propagado por onde quer que fosse no império romano é contestada. Com isso coloca-se

⁷² COUSAR, Charles, 1990 *apud* ELLIOTT, 1997, p. 149.

⁷³ FREDRIKSEN, Paula *apud* ELLIOTT, 1997, p. 144.

⁷⁴ MACCOBY, Hyam *apud* ELLIOTT, 1997, p. 144.

⁷⁵ ELLIOTT, 1997, p. 143.

⁷⁶ ELLIOTT, 1997, p. 143.

em xeque “a integridade e coerência da teologia de Paulo”.⁷⁷

Elliott rebate as suspeitas do desinteresse histórico do apóstolo e também as acusações de que Paulo teria encoberto as razões políticas da crucificação. O autor percebe a premência dos assuntos debatidos. Contudo, o problema não está em Paulo, mas na “compreensão equivocada da teologia da cruz de Paulo, e que – em chocante contraste com as percepções correntes de Paulo – sua interpretação da morte de Jesus tem dimensão irredutivelmente política”.⁷⁸ Como tal, para Paulo

a crucifixão de Jesus... é um evento apocalíptico. Ela revela “os governantes desta era”, na verdade, “todo governo, toda autoridade, todo poder” – procuradores, reis, imperadores, da mesma forma que os “poderes” sobrenaturais que estão por trás deles – como irremediavelmente hostis a Deus e como sentenciados a serem destruídos pelo Messias “no fim”.⁷⁹

A intenção de Elliott não é resgatar o Cristo nacionalista cuja missão era livrar seus compatriotas da opressão romana da época, mas quer destacar a dimensão universal da “palavra da cruz” proclamada por Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Palavra da cruz” e “evangelho é poder de Deus” são expressões muito familiares no meio religioso cristão. *Cruz* tornou-se um símbolo que transcende a esfera religiosa cristã. Prova disto são as cruzes não só nos cemitérios, mas as cruzes em espaços públicos neutros em relação à confissão cristã e mais ainda as cruzes estacadas na beira de estradas e rodovias como sinal de morte. Para Paulo a cruz (palavra da cruz) é um divisor de águas, porém não entre vida e morte nos termos mencionado acima, mas entre *loucura* e *poder*. Neste sentido, não se pode abrir mão da expressão “palavra da cruz”, quer dizer, substituí-la por outra sem sofrer prejuízo substancial do seu poder. Porém, o poder (δύναμις) original desta expressão não se garante por mera repetição vocabular. Há de se cuidar para que a proclamação de

⁷⁷ ELLIOTT, 1997, p. 147.

⁷⁸ ELLIOTT, 1997, p. 144-145.

⁷⁹ ELLIOTT, 1997, p. 153.

“Cristo crucificado... poder de Deus e sabedoria de Deus” (v. 23-24) não seja transformado em um chavão religioso que desfaz o escândalo da “palavra da cruz” tal qual caracterizado por Paulo e coloque outro escândalo no seu lugar – seja isso a dominação visível ou camuflada sobre outras pessoas, seja isso uma espécie de *amnésia coletiva* em relação à realidade, fruto de pregações abstrato-alienantes.

A palavra da cruz que inverte os valores deste século (1Co 1.18ss.; 2.6-8) e o evangelho como poder de Deus (Rm 1.16-17) estão interligados, porém não são um cheque em branco assinado por Paulo como álibi teológico para uso indistinto que os transformam em verdades abstratas adaptáveis a quaisquer circunstâncias, mas sem relevância concreta. A crítica paulina à *sabedoria do mundo* seria inteiramente má compreendida fosse vista como crítica contra os *saberes humanos terreno a priori* – ou pura e simplesmente.

Acresce-se a isso que a palavra da cruz como sinal entre loucura e poder é um divisor de águas não somente entre *os de dentro* e *os de fora* da comunidade (ἐκκλησία) cristã. É também e em primeiro lugar um divisor de águas para avaliar o que acontece no interior da comunidade ou igreja cristã. A questão não é fazer de alguma forma as palavras que Paulo proferiu úteis para nós. Antes convém “libertar Paulo” do cativo das pretensões e interpretações humanas.

REFERÊNCIAS

ADLOFF, Kristlieb. *Paulus – Prophet des Gottesreiches*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2013.

BERLINGER, Giovanni. *Bioética cotidiana*. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

CONZELMANN, Hans. Der erste Brief des Paulus an die Korinther. 2.ed. In: HAHN, Ferdinand (ed.) *Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1981.

ELLIOTT, Neil. A mensagem antiimperial da cruz. In: HORSLEY,

Richard A. Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2011. p. 169-183.

ELLIOTT, Neil. **Libertando Paulo**: a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1997.

FASCHER, Erich. Der erste Brief des Paulus an die Korinther. Erster Teil. Einführung und Auslegung der Kapitel 1-7. In: FASCHER, Erich. (ed.). **Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament**. v. 7/1. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1975.

GEORGI, Dieter. Deus virado de cabeça para baixo. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 151-160.

HAACKER, Klaus. Der Brief des Paulus an die Römer. In: FASCHER, Erich; ROHDE, Joachim; SCHNELLE, Udo, et. al. **Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament**. v. 6. Leipzig: Evangelische Verlagsanstalt, 1999.

HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2011.

HIDALGO, Jaqueline M. Im Kampf mit Herrschaftsmentalitäten. In: FIORENZA, Elisabeth Schüssler; JOST, Renate (eds.). **Feministische Bibelwissenschaft im 20. Jahrhundert**. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer, 2015.

HINKELAMMERT, Franz. **A maldição que pesa sobre a lei: as raízes do pensamento crítico em Paulo de Tarso**. São Paulo: Paulus, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **O Anticristo**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.

SCHLATTER, Adolf. **Paulus der Bote Jesu: Eine Deutung seiner Briefe an die Korinther**. 4.ed. Stuttgart: Calwer Verlag, 1969.

TAUBES, Jacob. **Die politische Theologie des Paulus**. München: Wilhelm Fink Verlag, 2003.

VASCONCELLOS, Pedro Lima; FUNARI, Pedro Paulo A. **Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações**. São Paulo: Paulus, 2013.

VOGEL, Manuel. Theologien des Kreuzes. In: SCHÜRER, Emil;

HARNACK, Adolf von (funds.). *Theologische Literaturzeitung*. Leipzig, v. 136, n. 7/8, jul/agos, 2011, p. 723-738.

WIESE, Werner. *Dimensões da expectativa e esperança escatológica: uma análise exegética de Romanos 8.18-27*. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2004.

WOLTER, Michael. *Paulus: Ein Grundriss seiner Theologie*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlagsgesellschaft, 2015.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional